

IMAGENS INVENTADAS: SOBRE MÁQUINAS, CRIANÇAS E O FAZER-CINEMA NO CURRÍCULO ESCOLAR

Luis Gustavo Guimarães¹
Carlos Eduardo Albuquerque Miranda²

“Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”.
(BARROS, 2008, pág. 95).

- Posso filmar mesmo o que eu quiser da escola?
- Podemos brincar no pátio e filmar?
- Como ela foi parar dentro da caixa? Ela está de ponta cabeça?

Imagens trêmulas, vultuosas, invenções nauseantes, imagens passageiras... imagens inventadas, imagens agentes... risos... minutos lumière e os gestos cinematográficos de escolha, disposição e ataque propostos por BERGALA (2008) dão corpo as experimentações das crianças com as máquinas de ver e de produzir imagens em uma escola rural de educação básica.

Manoel de Barros em seu livro *Memórias Inventadas* recria ou cria uma memória da infância, por meio da prosa poética, na eleição das coisas desimportantes, dos afetos e das descobertas no espaço da casa... do quintal... de suas memórias... seu modo de imaginar e escrever. Ele faz jogos com as palavras enquanto as crianças reinventam a escola e sua própria existência com as imagens.

“Eu lisonjeio as palavras. E elas até me inventam. E elas se mostram faceiras para mim. Na faceirice as palavras me oferecem todos os seus lados... A gente só gostasse de fazer de conta. De inventar as coisas que aumentassem o nada”
(BARROS, 2008, pág. 133).

O encontro destas invenções e autorias de Barros e das Crianças implica o compartilhamento de outro território enquanto pesquisa-intervenção e cartografia de um território existencial permeado de subjetividade e nuances. Esta escrita reflete o mergulho de um dos autores na sua própria experiência enquanto oficinairo e coordenador pedagógico desta escola e das experimentações a partir do Projeto de Pesquisa “Máquinas de Ver” ecoando na escola, em que os dois autores estão envolvidos. Para tanto os aprendizes-cartógrafos se valem ora do discurso formal e ora de uma narrativa “inventada”.

¹ Universidade Estadual de Campinas / Faculdade de Educação, Campinas / Prefeitura Municipal de Valinhos, SP/Brasil. E-mail: luis_gustavogui@hotmail.com.

² Universidade Estadual de Campinas / Faculdade de Educação, Campinas, SP/Brasil. E-mail: ceamiranda@gmail.com.

“O aprendiz-cartógrafo inicia seu processo de habitação do território com uma receptividade afetiva. Tal receptividade não pode ser confundida com passividade. Na receptividade afetiva há uma contração que torna inseparáveis termos que se distinguem: sujeito e objeto, pesquisador e campo da pesquisa, teoria e prática se conectam para a composição de um campo problemático. Aberto a experiência de encontro com o objeto da pesquisa, o aprendiz cartografo é ativo na medida em que se lança em uma prática que vai ganhando consistência com o tempo, marcando o propósito de seguir cultivando algo” (ALVAREZ & PASSOS, 2012, pág. 137).

A escola como quintal e achadouros

A escola se localiza no interior de São Paulo/Brasil. Em julho de 2013 foi implantado na rede municipal de Valinhos/SP, o Programa Mais Educação iniciando pelas escolas com notas baixas no Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e de acordo com dados apontados por SANTINI (2015) é questionável tais notas já que em algumas avaliações a escola não participou de uma das provas externas, mesmo assim o critério comparativo entre as escolas rurais na relação com as demais escolas municipais, que apresentavam tais requisitos, foram escolhidas para receber o Programa.

O Mais Educação é uma estratégia governamental para estimular a ampliação da jornada escolar na perspectiva da Educação Integral organizado por macro campos que possibilitam a oferta de oficinas/atividades diversificadas escolhidas pela própria comunidade escolar a serem realizadas no contraturno escolar e/ou integradas ao currículo da escola.

“Trata-se, portanto, de ampliar o tempo de permanência na escola, garantir aprendizagens e reinventar o modo de organização dos tempos, espaços e lógicas que presidem os processos escolares, superando o caráter discursivo e abstrato, predominante nas práticas escolares” (MOLL, 2012, pág. 133).

Este estudo/relato de experiência é sobre a potência do fazer-cinema na escola, nas imagens inventadas, parafraseando a obra de Manoel de Barros, e sobre o uso de dispositivos na oficina de Cinema e Fotografia para alunos de 8 a 11 anos (3º ao 5º ano da Educação Básica) realizada no segundo semestre de 2014 em uma das escolas rurais que implantaram o Programa Mais Educação no município de Valinhos. Esta escola oferecia atividades no contraturno escolar ampliando a permanência dos alunos em três dias da semana. Os alunos poderiam escolher as atividades, com ressalva da oficina de Acompanhamento Pedagógico (obrigatória) que tinha como objetivo a finalização de trabalhos escolares e/ou orientação de estudos.

A proposta inicial da oficina de Cinema e Fotografia era atender apenas alunos de 6º ao 9º ano que teve início no primeiro semestre de 2014, sendo ministrada uma vez por semana em encontros de uma hora de duração. A oficina iniciava no horário da saída dos alunos do 2º ao 5º ano, do turno regular da manhã, e os alunos que fossem participar das diferentes atividades do Contraturno, naquele dia, ficavam para participar, almoçando na própria escola.

As crianças começaram a ver os adolescentes realizando as experimentações pela escola. Câmeras, tripés, ensaios e filmagens começaram a fazer parte do cotidiano da escola, não só no horário das oficinas. Os menores começaram a perguntar se poderiam participar, em dias festivos queriam auxiliar nos registros de filmagem e fotografia... Ficavam em torno dos adolescentes... Fugiam de alguma atividade para espiar o que estava sendo realizado. Esta movimentação ocasionou algumas divergências na equipe escolar, pois os alunos deveriam ser punidos por ir “atrapalhar” os colegas, mas como fazer se era o próprio coordenador que estava ministrando a

atividade e que via a curiosidade dos menores e não os punia, apenas os orientava? Como iniciar algo com os menores que poderiam estragar a única câmera da escola? Registra-se o fato de que a mesma não era utilizada. Após várias conversas nas reuniões semanais de planejamento entre professores e alguns oficineiros, foi aberta uma turma para os menores, um encontro semanal, a princípio 15 vagas. Mas em geral participavam de 15 a 25 alunos em cada encontro.

Dispositivos

Para cartografar este território os autores utilizaram registros audiovisuais e fotográficos as produções e a experiência como objetos de estudo. Partimos das reflexões e experimentações do Projeto Máquinas de Ver, que apresenta, segundo Miranda (2015), uma proposição de proceder por desmanche, de desmontar o cinema em múltiplos lugares e utilizar os dispositivos como eixo para os encontros.

“Imaginamos o dispositivo como uma forma de entrada na experiência com a imagem sem que a narrativa e o texto estivessem no centro, nem as hierarquias fossem antecipadas, justamente porque o dispositivo é experiência não roteirizável e amplamente aberta ao acaso e às formações do presente. Há no dispositivo uma dimensão lúdica que no trabalho na escola é bem-vinda; há uma tarefa a cumprir, um desejo a realizar. O dispositivo instaura uma crise desejada por quem dele participa. Uma crise nas formas de ver e perceber: antes de soluções há uma suspensão das soluções conhecidas” (MIGLIORIN, 2015, p. 79).

No primeiro encontro a sala cheia e as crianças alvoroçadas com a oficina. A primeira atividade foi o levantamento do interesse do grupo. Ao serem interrogadas sobre o que queriam disseram:

- Fazer filme né!
- Gravar todo mundo para aparecer na TV.

Algumas crianças interrogaram se poderiam usar o celular ou se iríamos usar a câmera da escola, pois o celular não era permitido de acordo com a Lei 12730/2007³. Após a conversa foi apresentado a proposta de encontrar com o cinema em alguns “brinquedos”, câmeras e celulares, assim foi apresentado as crianças o taumatópio.

- Mas não vamos fazer filme?
- Podemos filmar tudo depois como se fosse um jornal da TV?

A questão de uma das meninas animou toda a sala. A turma se divertiu durante a criação, em geral elas seguiram os modelos clássicos – pássaro e gaiola, um menino desenhando um celular e uma garota e ao girar a garota parecia estar na tela do celular. Cada giro era uma abertura para o olhar, para a novidade.

³ A lei estabelece a proibição do uso do celular em horário das aulas por alunos do sistema estadual de ensino. E o Decreto nº52625/2008 prevê a regulamentação e normativa cabendo a escola, por meio de seu regimento interno e/ou normas de convivência dar ampla divulgação da lei, normatizar o uso do celular fora das aulas e punir os alunos de acordo com o previsto em seus regimentos.

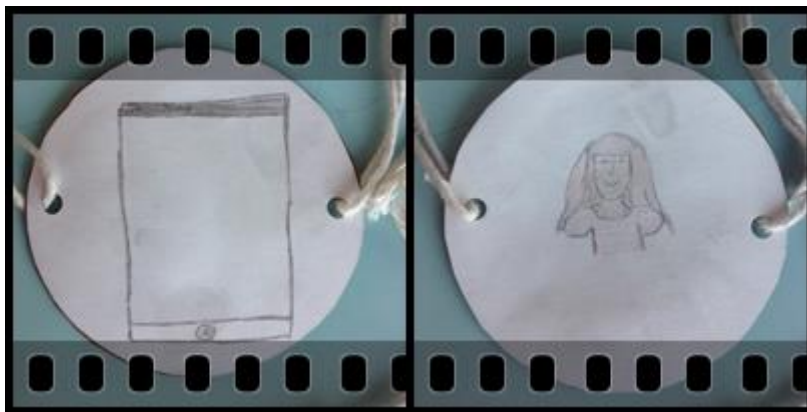


Figura 1 – Taumatrópio – Arquivo de Pesquisa

O segundo dispositivo foi a confecção de uma câmera escura e uma câmera com lente ambas com caixa de papelão.



Figura 2 – Máquinas de Ver – Arquivo de Pesquisa

- Como ela foi parar dentro da caixa? Ela está de ponta cabeça?

A questão ganhou eco na escola e nos faz companhia desde então. A curiosidade e vontade de saber geraram outras aprendizagens fora da linearidade dos conteúdos curriculares da escola. A câmera escura ganhou o pátio carregada pelos meninos. A equipe da limpeza e inspetora foram convidadas pelos alunos a experimentar a câmera escura e tentar descobrir que imagens estavam escondidas dentro da caixa. A professora de uma das turmas questionou em uma das reuniões qual era a necessidade de ficar ensinando matéria adiantada para os alunos. Foi necessário explicar que as experimentações eram do campo artístico e da produção de fotografias e filmes, mesmo após propor que os professores pudessem experimentar a câmera escura, a mesma professora que fizera a “reclamação” não quis experimentar alegando fobia a escuro.

A proposta da câmera escura com lente era de produzir fotografias no entorno da escola sendo as fotografias realizadas em dupla para a manipulação da câmera de fotografar de papel e a câmera de fotografar digital. Os alunos optaram por seguir a estrada de terra que havia menos movimentação de carros. O “passeio”, o gravador de áudio e o ninho de uma aranha foram o grande interesse dos alunos, para desconcerto do oficineiro que insistia na produção das imagens. Quando as imagens do “passeio” foram vistas, em outro encontro, projetadas no telão houve um alvoroço e muitas narrativas e fabulações sobre as imagens. - Você precisa virar

a foto, ela está de ponta cabeça! Disse uma das meninas. E ao girar a imagem a mesma se constituía em “outra”. E a mesma menina completa: - agora não sei mais qual é a certa.

Filmar... gravar... fazer-cinema

O dispositivo “filmar livremente a escola” com a câmera digital e/ou celular na mão foi realizado em duplas, sendo que a dupla só seria acompanhada por um fotógrafo, enquanto os outros aguardavam na sala. A negociação com professores, funcionários, outros alunos e o que seria filmado seria incumbência da própria dupla, não podendo ter interferência do fotógrafo que faria apenas o registro da filmagem. Em geral as escolhas foram por lugares de interesse dos alunos, onde costumavam brincar na escola. Uma dupla fez uma incursão por pontos da escola, como uma reportagem. A câmera acompanhou o movimento dos corpos, balanço dos braços gerando imagens trêmulas, vultuosas e nauseantes, tais imagens ao serem vistas pelos alunos gerou risadas e provocou tontura em uma das alunas que as vezes coloca as mãos nos olhos e dizia que iria ficar tonta, inclusive na própria filmagem. Apesar de dizerem que não dava para ver direito alguns lugares e as pessoas, nenhuma das crianças depreciou o trabalho das outras.

Um encontro foi destinado apenas a assistir alguns filmes dos Irmãos Lumière e outros produzidos em diferentes lugares do mundo e alguns em contexto escolar. No encontro seguinte o dispositivo minuto lumière proporcionou o inverso, poderiam filmar livremente a escola, mas agora com a câmera parada e fixada no tripé ou apoiada sobre algum objeto e a filmagem teria que ser de apenas um minuto. A orientação nem havia sido terminada e um dos integrantes diz:

- Ai não vai ter graça filmar tão rápido...

A fala dele contaminou o grupo, que começaram a falar que não queriam filmar só um minuto. Na hora a única coisa que veio à cabeça do oficinairo foi propor que todos ficassem olhando o ponteiro do relógio por um minuto. E após um minuto continuaram no coro da lamentação, não havia o que fazer a não ser prosseguir até que os pequenos grupos pudessem realizar seus minutos e assistirem suas obras. O segundo “desafio lumière” seria a criação de uma cena utilizando os mesmos recursos do minuto lumière. Os três grupos teriam que escrever o que seria filmado e identificar quem seria o responsável pela câmera, pela contagem do tempo e quem estaria na ação. Um grupo fez um clipe musical com uma música em espanhol que haviam aprendido em outra oficina do Mais Educação. O segundo grupo fez o registro de brincadeiras filmando os pés pulando corda. O terceiro grupo abordou a morte como algo súbito, o filme traz o aluno “desmaiando/morrendo” ao beber água, algo corriqueiro no cotidiano da escola, além do tema pouco abordado na escola. Este grupo fez várias versões e testes de ator, pois ao sofrer o desmaio e literalmente tomar um banho com a água. Alguns meninos começavam a rir ou se assustavam com a água, a cada “desmaio” tinha uma equipe que secava o chão para nova filmagem.

O último dispositivo foi a gravação de um filme com algumas cenas, eles optaram por filme de terror/suspense com lendas urbanas. A história da “Loira do Banheiro” foi a eleita e para ser concretizada houve quatro etapas: ver trechos de filmes de suspense e terror, pesquisa sobre lendas urbanas, preparação do roteiro e gravação. No dia da gravação os alunos trouxeram figurino e maquiagem para a personagem principal que “aterrorizou” toda escola com suas olheiras, camisola branca e cabelo despenteado.

Reticências

Os poemas de Manoel de Barros e as imagens produzidas-criadas pelos alunos tem essa mesma essência das reticências, algo ainda não acabado ou apenas um recorte, um fragmento, assim como o gesto “natural” do cinema e da fotografia de mostrar/esconder, no extracampo, a escolha pelo o que irá compor a imagem e o que não estará na cena. A educação e o currículo escolar pelo contrário têm nos seus fragmentos e etapas o que se pode ensinar a cada idade não possibilitando o encontro com o inusitado e o encantamento pelo mundo. As oficinas de cinema envolveram alunos de diferentes idades para operar com a produção das imagens e a não cronologia. Pudemos no encontro com o cinema enquanto “estrangeiro” na escola vivenciar além de gestos de criação, momentos de conflito, tensões e muitos questionamentos. Mas o que pode o fazer-cinema na escola?

Inspirações

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo. Editora Planeta do Brasil, 2008.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Tradução: Mônica Costa Netto e Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink/CINEAD/LISE-FE/UFRJ: 2008.

MIGLIORIN, Cezar. **Inevitavelmente Cinema**: Educação, Política e Mafuá. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MIRANDA, C. E. A. Máquinas de Ver. Associação de Leitura do Brasil - **Revista Linha Mestra**, n. 27, ago./dez. 2015. p. 94-97.

MOLL, J. A Agenda da Educação Integral: Compromissos para sua consolidação como política pública. In: MOLL, J. (Org.) **Caminhos da Educação Integral no Brasil**: Direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

PASSOS, E.; ALVAREZ, J. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓCIA, L. (Org.) **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANTINI, R. C.; GUIMARÃES, S. B.; GUIMARÃES, L. G. Um olhar da Gestão Escolar sobre a aprendizagem e o Programa Mais Educação. I Encontro “Diálogos sobre Dificuldades de Aprendizagem: definições e possibilidades de intervenção. **Anais**. Marília, 2015.